

Tereza, personagem conceitual: metodologias de pesquisa em movimento

Tereza, conceptual character: methodologies in movimento

Cristiana Mara Bonaldi; Maria Elizabeth Barros de Barros

Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO:

Como pesquisadoras, percorremos, na Prefeitura Municipal de Vitória/ES, unidades de saúde e outros espaços de encontro entre trabalhadores da rede municipal de saúde. Em cena: situações que convocam os trabalhadores a interrogar suas certezas, que forçam os limites disciplinares, que convidam à produção coletiva de estratégias. Experiências também de cursos de formação na área da saúde junto aos serviços. Processos de formação que extrapolam o *campus* universitário, as salas de aula, os livros, os manuais. A universidade, os serviços de saúde, a vida. Professores, estudantes, profissionais de saúde... Como essas intensidades, essas negociações constituem os processos de formação em saúde no Curso de Medicina? Essa é a trama, parte da rede da qual emergem estas linhas. E quem nos acompanhou nessa trama foi Tereza. Usuária dos serviços públicos de saúde, constituiu-se como personagem conceitual, como personagem-cartógrafa que deu vida ao texto e condições de emergência à nossa pesquisa.

Palavras-chave: metodologia; saúde; formação

ABSTRACT:

As researchers, we have visited, in the Municipality of Vitória / ES, health units and other meeting spaces for workers of the municipal health network. On the scene: situations that call upon the workers to question their certainties, forcing the disciplinary boundaries that invite them to collective production strategies. Also, experiences of training courses in health, together with the services, were included; not to mention formation processes that go beyond the campus, classrooms, books and manuals. The university, health services, life. Teachers, students, health professionals. How these intensities and these negotiations form the health training processes in medical school? That's the weft, part of the framework from which these lines emerge. Who accompanied us in this network was Tereza. She is a user of the public health services, who was a conceptual character, established as a character-cartographer who gave life to the text and emergency conditions to our research.

Key-words: methodology; health; training

Como pesquisadoras, percorremos, na Prefeitura Municipal de Vitória/ES, diversas unidades de saúde além de outros espaços de encontro entre trabalhadores da rede municipal de saúde. Em evidência: um sem-número de questões que emergem nos processos de formação em saúde no cotidiano de trabalho desses profissionais. Em cena:

situações que convocam os trabalhadores a interrogar suas certezas, que forçam os limites disciplinares, que convidam à produção coletiva de estratégias. No corpo: desconforto, incômodo, cansaço, euforia...

Experiências do trabalho na saúde. Experiências de cursos de formação na área da saúde junto aos serviços. Encontros que extrapolam os muros das unidades de saúde, que extrapolam o campo profissional. Processos de formação que extrapolam o *campus* universitário, as salas de aula, os livros, os manuais. A universidade, os serviços de saúde, a vida. Processos de formação que forçam os limites do instituído. Professores, estudantes, profissionais de saúde... Encontros com prescrição que não obedecem ao prescrito.

Desobediência aos padrões: experiência situada. Universidade, serviços de saúde, processo de trabalho... Quem nunca ouviu, que seja numa mesa de bar, uma “estória de hospital”? Das mais românticas às mais aterrorizantes, todas elas portam as intensidades, as cores, as negociações que se fazem, cotidianamente, presentes nesses espaços. Todas essas cores, intensidades, negociações apontam para processos de formação em movimento no cotidiano.

Como essas intensidades, essas negociações constituem os processos de formação em saúde no Curso de Medicina? Como essas cores, esses ruídos se evidenciam nos processos de formação que escapam aos currículos prescritos, às ementas, aos objetivos formalizados dos cursos superiores da área de saúde? Como produzem processos de formação no trabalho, nos serviços?

Todas essas questões dão o tom do batuque, o tom das discussões que quisemos lançar no decorrer da construção da tese de doutorado da qual emerge este texto. Estórias de estudantes, de trabalhadores, de usuários dos serviços de saúde. De familiares, de amigos, de vizinhos... Impossível se fixar num só ponto da rede. Afinal de contas, o professor-trabalhador, o acadêmico-trabalhador também são usuários dos serviços de saúde, também são familiares de usuários, também são gestores na medida em que circulam pela rede, gerem seu trabalho, sua vida. Ensinam, aprendem... Inventam. Usuários-produtores, inventores dos serviços de saúde. Processos de formação.

Formação como processo. Processos que emergem na experiência da vida. Permanente transformação. Inquietação. Curvas sinuosas, caminhos tortuosos, descaminhos, atalhos. Formação como aquilo que não se pode prever e, por isso, torna pensamento e vida tão indissociáveis.

Profissional-de-saúde-em-nós, usuário-do-sistema-de-saúde-em-nós, familiar-do-usuário-do-sistema-de-saúde-em-nós... Todos eles e muitos outros. Tudo isso e mais um pouco. Essa é a trama, parte da rede da qual emergem estas linhas.

E quem nos acompanhou nessa trama foi Tereza. Usuária dos serviços públicos de saúde, Tereza constituiu-se como personagem conceitual, como personagem-cartógrafa que deu vida ao texto e condições de emergência à nossa pesquisa. É sobre ela que queremos falar...

Tereza-mulher. Negra, cheia de curvas. Aos 40 e poucos anos sabe fazer de tudo. Faxineira, garçonete, cozinheira. Lava, passa, faz salgadinhos para festas. Diz que já viu de tudo e que já não se assusta com muita coisa. Vive de bicos. De caretas, olhares, sorrisos. De choros, gritos, sonhos.

Tereza mora na cidade. No alto da cidade. Cidade de Vitória. Alto Tabuazeiro, conhece? O famigerado Morro do Macaco, lembra? O tal que desabou em 1985. Um estrago! Desabrigados eram uns 600. Mortos passaram de 40. Tereza-sobrevivente.

Te reza, Tereza, pede proteção!

Terra, chuva, gente. Pedços de gente. Pedras, gritos, casas. Pedços de casas. Restos de objetos, barro, lama, vida. Substância heterogênea. Mistura cheia de pedços. Tereza é feita disso. Matéria viva, repleta de intensidades, de estórias, de sons. As pessoas que encontrou, que escutou, que viu, que não viu. A terra que pisou, que não pisou, que quis pisar. As músicas que ouviu, que compôs, que dançou e que não dançou. Tudo isso constitui Tereza. Tudo isso nos constitui. Tudo isso e muito mais. Substância heterogênea: feita a muitas mãos. Sem fôrma, sem fórmula. Inacabada matéria viva.

Tereza tem as cores do mundo. Tem as marcas da vida. Todos temos. Na época do deslizamento, Tereza era bem jovem. Aos 15 anos carregava no ventre seu primeiro filho, Edson, nascido quando ainda se recolham pedços das casas, das coisas, das vidas. Tereza diz que escolheu esse nome porque é nome de homem forte. Edson era o nome de um oficial do corpo de bombeiros que ajudou no resgate das vítimas. “Homem forte também chora”, dizia Tereza ao recordar os momentos de aflição vividos naquela madrugada.

Tereza passou um tempo na casa de uns parentes de sua mãe, numa parte do morro que o deslizamento não atingiu. “No Macaco sempre foi assim, a gente divide até o que não tem, que é pra quando tiver não esquecer que tem que dividir... Pra não perder o costume!” – brincava Tereza.

Tereza nunca foi mulher caseira. Gosta de dança, gosta de música. Tereza nunca foi mulher recatada. Vira e mexe arruma confusão. Sabe fazer barraco! É a sensação das rodas de samba. Quando coloca o salto alto e começa a rebolar o traseiro... sai de baixo! Vai até amanhecer o dia. Cerveja, suor, sorrisos. Tereza se alegra, a vista embaralha. Mais um trago de cachaça. Treme as coxas. Troca os pés e logo retoma o compasso.

E Tereza segue. Entre um bico e outro, Tereza samba. Entre um gole e outro, um gemido. Entre um suspiro e outro, um amor. E, às vezes, um filho. Muitas vezes. Quatro gestações. Seis filhos. O segundo filho veio um ano depois do primeiro. Nascido em ano de copa do mundo, ainda no calor da sofrida copa de 86, recebeu o nome de Araquém.

O pai de Araquém, Garrincha, que também registrou Edson, apesar de não ser seu pai biológico, vivia com Tereza desde o tal desabamento. Conheceram-se nos mutirões de reconstrução, quando Tereza ainda ostentava uma barriga enorme. Apaixonado por futebol como o pai, Garrincha recebeu esse apelido por causa de suas pernas tortas e de sua habilidade com a bola. Ninguém se lembra do nome dele. desde muito cedo virou Garrincha e pronto!

Quando criança, Garrincha costumava disputar campeonatos na comunidade. Parecia ter um futuro promissor no futebol. Mas, como os ventos sempre sopram em direções inusitadas, Garrincha terminou arranando emprego em uma empresa de pesca. Passava dias em alto-mar e, quando voltava, trazia para as crianças um pouco do pescado. Na cozinha de Tereza, os frutos do mar viravam verdadeiros banquetes. A criança fazia a festa!

Foi numa dessas temporadas que Garrincha passava em alto-mar que Tereza conheceu Marina. Elza, mãe de Marina, bateu na porta da casa de Tereza certa noite. Marina não tinha nem um mês de vida. Elza entregou Marina à Tereza e foi embora. Com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas, Elza dispensou as palavras. Virou as costas e saiu. Nunca mais foi vista.

Tereza percebeu de imediato que Marina tinha os olhos de Garrincha. No dia seguinte, quando voltou do mar, Garrincha encontrou a porta fechada e, próxima à soleira, uma trouxa de roupas. A esta altura, Marina já havia se tornado filha de Tereza.

Garrincha mudou-se, mas continuou frequentando a casa. Quando não estava trabalhando, levava as crianças para a escola. Às vezes Tereza resolvia matar a saudade. Esperava as crianças pegarem no sono e recebia Garrincha. Tornaram-se grandes amigos.

Depois de Marina ainda vieram Dayanna, Ayrton e Jéssica. Dayanna e Ayrton são gêmeos. Estes Tereza registrou sozinha. A vizinhança comenta que, daqueles da roda de

samba, uns três ou quatro bem que poderiam ser o pai dos gêmeos. Tereza não fala do assunto. Já colocou candidato a pai para fora de sua casa aos tapas! Não quer saber de mexer nessa estória.

Uma noite, Garrincha veio, como de costume, depois que a casa escureceu. As crianças estavam dormindo, também como de costume. Tereza estava esperando por ele. Alguma coisa parecia estranha. O ar estava pesado. A noite parecia mais escura. Uma sensação de abafamento percorria o corpo de Garrincha. Falta de ar. Tereza estava lá. Parecia não estar. Com o olhar perdido, Tereza abraçou Garrincha e chorou baixinho.

Não havia caretas, olhares, calores, suores. Tereza nunca foi discreta. Nunca foi de fazer nada baixinho! Mas, nessa noite, não houve grito, não houve gargalhada, não houve barraco, não houve amor. Em silêncio, os dois adormeceram com a roupa do corpo. Dias depois, Tereza anunciou que estava grávida. Garrincha não fez perguntas. Alguns meses depois, a vizinhança voltava a escutar choro de bebê. Dois, desta vez.

Tereza rebola, segue escapando, sambando no fio da navalha. Afinal de contas, Tereza é meio de fuga. É espécie de trama. Instrumento de escape. Espécie de corda feita de lençóis amarrados. Tem o nó como elemento constitutivo. Serve bem aos propósitos dos que fogem, dos que desejam escapar. Presidiários, loucos, seminaristas, filhos, maridos, esposas, noivas descontentes às vésperas do casamento. Estudantes, amantes, noviças, enfermos hospitalizados, asilados de toda sorte. Tereza se faz passagem. Tereza inventa portas, janelas, frestas. Cria fissuras onde parece faltar o ar. Se joga na vida, abre o peito e sorri. Deleuze e as linhas de fuga.

Tereza feita a muitas mãos. Tereza-humana: heterogênea matéria viva. Tecido vivo: trama, rede, emaranhado de linhas.¹ Linhas de naturezas diversas. Duras, de segmentos bem delimitados. Recortes de Tereza, recortes de nós. Linhas que vão de um extremo a outro estabelecendo sequências, definindo direções.

Instituições, lugares, formas, modelos. A família e a escola. O trabalho e o lazer. O bebê e o adulto. Dicotômicas máquinas binárias: dispositivos de fixação de códigos e territórios. Relações de poder: “[...] pode-se até mesmo conceber saberes que fazem ofertas de serviço ao Estado, propondo-se a sua efetuação, pretendendo fornecer as melhores máquinas em função das tarefas ou dos objetivos do Estado”.²

Fôrma que insiste em moldar os sujeitos. Arestas aparadas, sulcos preenchidos. Toda flacidez deve ser corrigida. Simetria. Harmonização da forma em busca do modo ideal de ser mulher, de ser negra, de ser doida...

Tereza-mulher-negra-mãe... Mas, mulher é tudo igual? E negro? É tudo igual? Linhas duras que portam supostos limites de papéis que se pretendem bem delimitados. Mas, como Tereza atua em processos de produção de si e do mundo sendo mulher, negra, mãe, amante? Tereza é humana, não foi concebida numa linha de produção. Não se produzem pessoas em série, por mais que se tente...

Humana, sim! Mas como? Humano-ideal? Padrão? O abstrato-universal, modelo-referência para a classificação das condutas? Homem-código? De que humanidade estamos falando?

Tereza-humana. Tereza-produção. Tereza-forma, Tereza-força, Tereza-fluxo. Inacabada. Perturbação. Tereza humana e, precisamente por ser humana, comporta tantas inumanidades...

Falamos, então, de um sentido de humano como produção, uma complexidade que se engendra como obra aberta. Uma humanidade que se constrói na experimentação, ou seja, entre a materialidade das formas humanas e a imaterialidade das afecções inumanas que nos compõem e se atualizam em práticas e modos de estar nos verbos da vida [...].³

Outras linhas também compõem Tereza. Linhas flexíveis. Estas são de outra natureza. Permitem desvios, produzem fissuras. Evidenciam as “loucuras secretas”⁴ que perturbam as linhas duras. Os porões. Conexões pouco visíveis. Afetos, intensidades, ruídos. Ser mulher, ser mãe, ser amante não é sempre a mesma coisa. Algo atravessa o roteiro e interrompe a fala prescrita no *script*. Modos diversos, formas mutantes de ser. Gagueira, inconstância, descontinuidade.

Há ainda outra espécie de linha. Sem direção. Imprevisível: é a própria ruptura. Sucção violenta, destino desconhecido. Inumanidades... Novamente o desabamento. Deslizamento de terra: perder o chão. É cair num buraco: outro mundo. Alice e o país das maravilhas. Algo força e eis que o chão se abre e somos tragados. Da rachadura vê-se surgir Tereza. Tereza-força, Tereza-fluxo. Algo desliza por ela.

Fuga. “Desterezação”. Por que não? Não interessa para onde, não há lugar a chegar. Deslugar. Fazer fugir um lugar. Provisoriedade e imprevisibilidade. Há fissuras, quebras, rompimentos. Declive, velocidade, frio na barriga. Às vezes, em meio aos escombros pode-se contemplar uma flor. Não há garantias. A vida insiste. Tereza nos convoca a cartografar as linhas, percurso que constrói passo a passo. Tereza anda. Retrocede, muda de direção, cai, levanta. Tereza volta a caminhar precisamente no momento em que inventa caminhos. Tereza se faz caminhos. Descaminhos. Tereza se *destereza* e segue...

Muitos cheiros, muitas vidas, muitos encontros, muitas dúvidas compõem Tereza. Trata-se de um sujeito aberto a outras composições. Inacabada matéria viva! Há rebeldias, interrogações, incertezas. Tensão, poesia, embriaguez. Aproximamo-nos de Tereza e seu rosto se desfaz em muitos outros que se desfazem em muitos outros... Tereza-linha-de-fuga. Há sempre um pouco dela em todos nós e, nela, um pouco de cada um de nós.

Tereza é efeito dessas redes. Redes vivas, redes quentes. Formas temporárias. Tereza se produz em NÓS. Primeira pessoa do plural? Pode ser. Tereza se produz em todos nós. Novamente, Tereza se produz em nós. O nó: único elemento constitutivo das redes. Tereza constituída de NÓS. Múltiplos nós. Tereza, os nós e todos nós!

Escola, medicina, igreja, família... Instituições, aparelhos comprometidos com a formação. Mas, que formação? Formação de pessoas, de maneiras de viver. Produção de nós, de conexões. Práticas de liberdade e práticas de dominação. No entre, um infinito de nuances possíveis. É preciso arrancar de si os microfascismos! E então, somos convocados a vigiar “os traços mais ínfimos de fascismo no corpo”⁵ e advertidos: “Não se apaixone pelo poder”.⁶

Tereza feita à mão. Tecelagem artesanal. Produção de nós, de pontos de contato. Sua sede, sua fome. Nossa sede, nossa fome. Redes em movimento, em permanente transformação. Escola, TV, família. Unidade de saúde, médico, hospital. Céu, inferno, purgatório. Regras, normas. Formas de pensar, formas de viver. Tereza portadora/produtora de todas essas marcas. Tá achando muito, Tereza?! Pois tem muito mais!

*O filósofo é a idiossincrasia de seus personagens conceituais. E o destino do filósofo é transformar-se em seu ou seus personagens conceituais, ao mesmo tempo que esses personagens se tornam, eles mesmos, coisas diferentes do que são historicamente, mitologicamente ou comumente.*⁷

Tereza-parto. Nascida do encontro entre arte e conceito. Sexo e gozo. Fecundidade. “Recortes do caos”.⁸ Diferentes planos de corte. Recortes do caos. Arte e filosofia que enfrentam, que povoam o caos de maneiras diferentes. “Isso não impede que as duas entidades passem frequentemente uma pela outra, num devir que as leva a ambas, numa intensidade que as co-determina”.⁹

Conceito de afecto e afecto de conceito: “O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro”.¹⁰ Sexo, gozo, fecundidade.

Parto: a invenção de Tereza. Matéria viva. Tereza não é sujeito. Não tem metade do DNA de cada progenitor. Quem conhece seus pais? Isso não seria Tereza... Tereza é

feita a muitas mãos. Incontáveis mãos. Nascida do fecundo encontro entre arte e filosofia. Incontáveis mãos: “Certamente, eles não fazem uma síntese de arte e de filosofia. Eles bifurcam e não param de bifurcar”.¹¹

Materialização dos conceitos. Plano de imanência. Obra aberta. Vida-arte. “Os personagens conceituais têm este papel, manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento”.¹² Tereza e *destereza. Reterezação*.

Tereza-personagem-conceitual. Tereza é cheia de movimentos! Na cadência de Tereza deslizamos no plano de imanência da pesquisa. Dançamos, bebemos, amamos, pensamos. Tereza cria conceitos: “[...] opera movimentos que descrevem o plano de imanência do autor [...]”.¹³

É sobre um plano de imanência que se inventam modos de viver. É aí, precisamente no plano de imanência, que se produz a potência do personagem conceitual. Personagem conceitual e plano de imanência se pressupõem mutuamente. Tereza-modo-de-existência:

*Não temos a menor razão para pensar que os modos de existência tenham necessidade de valores transcendentais que os comparariam, os selecionariam e decidiriam que um é ‘melhor’ que o outro. Ao contrário, não há critérios senão imanentes, e uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria sobre um plano de imanência; é rejeitado o que não traça nem cria. Um modo de existência é bom ou mau, nobre ou vulgar, cheio ou vazio, independente do bem e do mal, e de todo valor transcendente: Não há nunca outro critério senão o teor da existência, a intensificação da vida.*¹⁴

Tereza interroga... Se mete, faz bico, arma o maior barraco. Tereza pensa, faz pensar. Tereza insiste. Destereza, destrói pensamentos: “Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceito”.¹⁵

Filosofia, arte, movimento, pensamento. O personagem conceitual como agente de enunciação. Por intermédio de Tereza nos movimentamos e pensamos...¹⁶ – Tereza rebola o traseiro. Tereza inventa caminhos, destrói certezas, explode grandes muros de concreto... Caminhamos com Tereza. Não sabemos bem por onde, para onde... Com ela, interrogamos, estranhemos, afirmamos... Com ela, insistimos! Rebolamos com Tereza e inventamos conceitos. Tereza-obra-aberta.

Tereza vive. Ela insiste... Nem abstração, nem símbolo, nem alegoria: “[...] existência fluida, intermediária entre o conceito e o plano pré conceitual, indo de um a outro”.¹⁷ Tereza, caminhos, descaminhos. Percurso, declive, cansaço. A curiosidade

como combustível. Tereza-filósofa. “O rosto e o corpo dos filósofos abrigam estes personagens que lhes dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos”.¹⁸

Amor pelo conceito, pela atividade conceitual ilimitada nela mesma. Potência do conceito. Invenção, transformação, permanente atividade de produção. Tereza-cartógrafa. Tereza insiste em nos convocar a cartografar linhas que segue percorrendo, investigando, questionando, transformando, embolando...

Linhas que constituem Tereza-em-nós. Mas, como acompanhar os movimentos e intensidades que constituem Tereza-em-nós na relação com os saberes, discursos, instituições, práticas que habitam o campo da saúde? Que aparelhos? Que valores? Que encontros? Que ruídos? Que rebeldias? Algo sempre difere. Como difere? Tirar o sujeito do palco. Trazer à cena a multiplicidade de elementos que se encontram e se desencontram na contemporaneidade. Diferentes efeitos. Que forças são estas? Como compõem/decompõem?

Pretendemos percorrer, junto com Tereza, as linhas que a compõem, que nos compõem, em relação com os serviços, discursos, saberes... práticas em saúde.... Estórias de Tereza. Estórias com Tereza. Linhas que embaraçam, formam tramas, redes. Linhas que se rompem, que se ramificam. Linhas rizomáticas.

Para acompanhar Tereza, seria importante definir um caminho como quem se orienta pelas linhas de um mapa rodoviário? O itinerário de Tereza não está prescrito. Ela não se orienta por mapas. Não segue caminhos. Tereza inventa caminhos. Tereza foge. Tereza samba. Tereza cria atalhos, faz curvas, sobe serras, joga-se no mato, despenca do desfiladeiro. Tereza-metodologia.

Trata-se, então, de convocar conceitos que permitam acompanhar os movimentos, experimentar os sabores, sentir os cheiros do percurso. Conceito... E para que serve um conceito, afinal? Produzir saberes dominados, saberes eruditos, arrastados, pesados? Saberes profundos, refinados, estéreis? Saberes comuns, medíocres, inferiores? Superficiais, populares, simplistas?

Dioniso, Zaratustra, Cristo, os sacerdotes, os homens superiores... “Nietzsche renuncia aos conceitos. Todavia, ele cria imensos e intensos conceitos [...], bem como traça um novo plano de imanência [...] que subverte a imagem do pensamento (crítica da vontade de verdade)”.¹⁹

Os personagens conceituais não estão subentendidos, não são personificações míticas, pessoas históricas, heróis da literatura. “Não é Dioniso dos mitos que está em

Nietzsche”.²⁰ E ainda: “Devir não é ser, e Dioniso se torna filósofo, ao mesmo tempo que Nietzsche se torna Dioniso”.²¹

Afinal, para que serve um conceito, senão para operar, para produzir-se e produzir, ao mesmo tempo, mundo? Transformação, movimento, invenção: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas, é preciso que sirva, é preciso que funcione”.²² O conceito precisa estar vivo e não tem sentido quando não é capaz de concordar com outros conceitos ou não contribui para a resolução de algum problema.²³

Teoria e prática não guardam qualquer relação de oposição.²⁴ Elas vão se construindo e se misturando no decorrer de um processo, até que já não se saiba mais os limites de uma e de outra, ou quem deu o primeiro passo. As teorias vão sendo trabalhadas, quebradas, fragmentadas, emendadas no exato instante em que se constroem. Tereza inventa, convoca à invenção de conceitos.

Os personagens conceituais, ao mergulharem no caos, são capazes de traçar, com dados extraídos de lá e jogados aleatoriamente sobre uma mesa, um plano de imanência. Para cada dado lançado ao acaso, o personagem conceitual:

*[...] faz corresponder os traços intensivos de um conceito que vem ocupar tal ou tal região da mesa, como se esta se fendesse segundo os resultados. Com seus traços personalísticos, o personagem conceitual intervém, pois, entre o caos e os traços diagramáticos do plano de imanência, mas também entre o plano e os traços intensivos dos conceitos que vêm povoá-lo.*²⁵

O personagem conceitual cria conceitos sobre o plano e, simultaneamente, traça o próprio plano, sem, no entanto, confundir as duas operações. Ao traçar um plano e criar sobre ele conceitos, o personagem conceitual pode criar outros personagens. Fecundidade, proliferação, invenção.

Trata-se de, junto com Tereza, problematizar, inventar, produzir um novo (e outros ainda). Trata-se de dificultar as reduções, as simplificações, de questionar todo o conhecimento que se proponha a definir leis gerais, mapas rodoviários, percursos estabelecidos muito antes da partida. Trata-se de não se conformar. Mas, como fazer?

Não se trata de percorrer um traçado-pré-traçado. O percurso é construído no exato instante em que caminhamos. Não se trata de colher alguns dados. Afinal de contas, dados não são flores! Trata-se menos ainda de reta, de linearidade. Nada está pronto. Não há nada atrás da porta. O que há se produz no ato de abri-la. Desenhar um mapa? Capturar uma realidade? Fotografar o que já existe? Para Tereza, isso poderia soar bastante monótono.

Então, de que se trata? Ater-se à origem? Como? Seria o início o mais importante? Ou melhor, haveria uma única origem? Um fim conclusivo e verdadeiro? Não é bem essa a preocupação! Tereza é meio de fuga. Não há destino. É lançar-se na vida. Na dança das formas. Rebolado, suor, cachaça. Faz, desfaz, refaz. Nem início nem fim. O meio. O entre. Processualidade. Produção de problemas, produção de dados, produção de formas. Quebra de formas. Invenção de outras formas.

E como fazer? Como romper com os binarismos e dicotomias? Tradição. Modelo. Certamente a vida de Tereza não caberia nas linhas, nos padrões, nas séries, nas estruturas, nas oposições. Nenhuma forma de vida caberia! Um dando origem a dois? E daí mais quatro? E daí mais oito? E assim por diante... Previsíveis derivações do mesmo. Causa e consequência. Perfeita sequência. Seria a vida tão morna? Eis o pensamento cansado,²⁶ incapaz de compreender a multiplicidade. Monotonia.

Como alternativa à lógica binária, as relações biunívocas. Insistentes derivações de uma mesma matriz: “Isto não melhora nada [...]. A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica”.²⁷ Novamente a origem. A velha e cansada origem.

Diante disso, como acompanhar Tereza? Como produzir um método capaz de romper radicalmente com os binarismos e determinismos? Como ultrapassar as estruturas, as representações? Como resistir ao reducionismo? Como construir um percurso capaz de considerar, efetivamente, a multiplicidade? Como habitar um campo problemático no qual observador, dados, objetos não possuam existência prévia? Como trabalhar num campo em permanente transformação? Como abordar as formas, os territórios mais ou menos duradouros que se constituem nesses movimentos?

Cartografia como princípio: rigor e aposta na vida. Que tal se entregar? Acompanhar movimentos. Deixar-se levar, como quem tamborila uma música e viaja no pensamento. Imparcialidade? Objetividade? Não. Peçam-me rigor. Rigorosa postura, rigorosos princípios, rigorosa crença na vida. Não há produção hermética. Toda produção exige contaminação, impurezas, traições. Tempero. Destempero. Tereza-cartógrafa: embriaguez, batuque, percurso.

O princípio: cartografia como postura. Inspiração. Cartografia como aposta. Rizoma. Tereza-cartógrafa toma a vida pelo meio. Lá onde ela pode ser saboreada em pleno processo de transformação. Permanente movimento.

Se essa é a proposta... Se esse é o convite... Impõem-se, assim, princípios que sejam efetivamente coerentes com tal aposta. E como fazer, então, cartografia? Rizoma.²⁸

A cartografia tem funcionamento rizomático. Linhas que se conectam. Diferentemente de um modelo em árvore ou raiz no qual ramificações partem de um eixo central, quaisquer pontos do rizoma podem e devem se conectar com os outros.

Um rizoma não conta com um pivô, com uma unidade central da qual partem derivações. Suas conexões não se submetem a qualquer ordem preestabelecida. Cada conexão é irreversível. Modifica as linhas da rede formando sempre novas e imprevisíveis configurações e possibilitando outras imprevisíveis conexões. Imprevisível percurso. Imprevisível encontro com Tereza.

Um rizoma é, ainda, um sistema heterogêneo. Composto de múltiplas cadeias. Multiplicidade. Não pode ser tomado como totalidade ou como uma reunião de formas puras. Retalhos, traços, pedaços, escombros. Cacos, remendos, buracos, texturas. Linhas que diferem, que tensionam e se desfazem. Diferença interna. Tramas que, constantemente, forjam novas e temporárias formas.²⁹

Formas de caráter temporário: podem se desfazer a qualquer momento. E desfazem-se a cada nova conexão, fazendo emergir novas formas.³⁰ Tereza no mundo. A cada encontro, a cada música, a cada amor, uma nova configuração. No instante seguinte, outro filho, outro suspiro, outro gemido... Outras configurações. E a pergunta persiste: como, então, acompanhar Tereza?

Rizoma é cartografia e não decalque. Cartografia por tratar-se de uma construção baseada na experimentação. Uma cartografia está constantemente sujeita a modificações. Está sempre em aberto. Caracteriza-se por sua capacidade de produzir conexões.

O decalque, ao contrário do rizoma, caracteriza-se pela reprodução. Arboriscente, o decalque se constitui num sistema que produz derivações de um eixo principal. A partir desse eixo, sucessivos e monótonos estágios. Etapas reproduzíveis ao infinito. Sequência. Fatalismo.

A decalcomania apresenta-se como um antiprincípio, na medida em que o decalque também encontra lugar no interior do rizoma. Por se tratar de um sistema complexo, de uma multiplicidade, o rizoma comporta, inclusive, contradições. As conexões rizomáticas, por vezes, permitem a emergência de estabilizações temporárias, de pontos de estruturação, que podem ser também elementos do rizoma.

No entanto, o rizoma não se restringe ao decalque. Cuidado: “Quando o rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte”.³¹

Acompanhar Tereza-cartógrafa e seu percurso sempre aberto. Experimentar a pesquisa como invenção de formas temporárias. Produção de conexões: “Existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem começar a brotar em rizoma”.³² Rede: essa é a aposta!

A rede tem como “único elemento constitutivo o nó”.³³ Caracteriza-se por suas conexões internas e não por seus limites, por sua forma. Trata-se de um sistema aberto em permanente transformação. Complexidade. Um rizoma não pode ser reduzido a relações de causalidade ou de oposição. A rede é complexa na medida em que “[...] exige de nós o esforço de evitarmos as simplificações reducionistas”³⁴. Este é o convite!

*Na verdade, se estamos de acordo com o fato de que os recortes binarizantes e excludentes operados pelos paradigmas das ciências, construídos nos últimos séculos, já não bastam para que possamos investigar/criar o mundo, impõe-se a construção de uma outra postura, um outro modo de operar sobre/com as práticas.*³⁵

Transdisciplinaridade. O rizoma convoca a operar com outra postura. Trata-se de borrar as fronteiras disciplinares. Porosidade. Sair dos limites da disciplina. Pular a cerca. Não exigir carimbos, mas borrá-los. O efetivo encontro dos saberes. Saberes promíscuos, contaminados. Tomar o mundo em sua complexidade, em sua multiplicidade. Tomar o mundo por inteiro, em todas as intensidades. Tomar o mundo com cuidado para não deixar quebrar. Sem fragmentar. Sem distribuir os cacos para que cada domínio de saber se ocupe de uma pequena parte.

Tomar o mundo como invenção.³⁶ Tomar o mundo, rigorosamente, como invenção. Mundo e investigador. Gestados em simultâneo, nascidos no mesmo e exato momento em que se encontram. Mais uma vez o encontro.

Entre formas e *disformas*, cacos de formas, os elementos são muitos e de infinitas tonalidades. Cartografia: acompanhar um processo. Sair dos domínios da representação. Longe de estabelecer um conjunto de passos, de etapas predefinidas: cartografia como abertura ao campo de pesquisa, como possibilidade de investigação da realidade em movimento.

A fala. O dito e o não dito. O por dizer... As mãos, a boca, o suor, o corpo. Para além da fala... Tirar o foco da fala. Voltar o olhar para o corpo. A fala e o corpo: entre eles, múltiplas nuances!

As experiências do trabalho docente, as experiências do trabalho discente: a universidade, o hospital-escola, a unidade de saúde. Que tal uma metodologia-repente? Obra composta no instante, no ato. Obra produzida com o material disponível. Trama de ideias e melodias. Este é o instante. Não há repetição do mesmo. Um repentista não repete

o mesmo. A música se produz ali, de repente... E, no momento seguinte, já é outra. Desafio, improviso... Aquele vento que insiste em soprar em outra direção.

Assim fazemos planejamento. Planejamento-repente. Com mãos, ouvidos, bocas. Cheiros, cores, sabores. O desafio é aguçar os sentidos. Juntar todo o material disponível. Produzir para si olhos de ver, ouvidos de escutar, mãos de tocar, narinas de farejar, línguas de degustar...

Construir para si um aparelho sensível. Uma máquina de produção de certa forma de atenção capaz de capturar o instante e, com ele, inventar rimas, sons, outros compassos... Nesse sentido, este texto toma uma direção arriscada e muito saborosa. Com essas indicações ensaiamos o tom do batuque, esboçamos o ritmo da dança. E Tereza continua mexendo os quadris...

Um aparelho sensível para entrar nas unidades de saúde, no curso de medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. Um aparelho sensível para colocar em análise os processos de formação na atenção básica, os processos de formação dos estudantes de medicina na atenção básica. Cartografar movimentos de Tereza, que são movimentos destes processos de formação.

Assim, afirmamos os percursos de Tereza na construção de uma trilha, de uma picada que nos conduz ao inesperado, que nos conduz às experiências com os trabalhadores em saúde, com os professores e estudantes do curso de medicina, com usuários, gestores, todos os sujeitos implicados na construção cotidiana de um curso de medicina e de um Sistema Único de Saúde.

Referências

- BENEVIDES, R. e PASSOS, E. Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade. In: GALI, T.; KIRST, P. *Cartografias e Devires: A construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- DELEUZE, G. Os personagens conceituais. In: *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006e.

- KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: GALI, T.; KIRST, P. (org.) *Cartografias e Devires: A construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*; vol:19, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2007.
- NEVES, C. A. B.; MASSARO, A. Biopolítica, produção de saúde e um outro humanismo. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2010.

Cristiana Mara Bonaldi
Universidade Federal Fluminense
E-mail: crisbonaldi@hotmail.com

Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: betebarros@uol.com.br

¹ DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

² *Ibid.*, p. 151.

³ NEVES, C. A. B.; MASSARO, A. Biopolítica, produção de saúde e um outro humanismo. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, 2010.. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2010.

⁴ DELEUZE, G. PARNET, C. 1998, p. 146.

⁵ FOUCAULT, M. 1991, p.84.

⁶ *Ibid.*, p.84.

⁷ DELEUZE, G. Os personagens conceituais. In: _____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 86.

⁸ *Ibid.*, p. 87.

⁹*Ibid.*, p. 88.

¹⁰ *Ibid.*, p. 89.

¹¹ *Ibid.*, p. 89.

¹² *Ibid.*, p. 92.

¹³ DELEUZE, G., 1992, p. 85.

¹⁴*Ibid.*, p. 98.

¹⁵ *Ibid.*, p. 92.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*, p.83.

¹⁸ DELEUZE, G.1992, p. 97.

¹⁹ DELEUZE, G., 1992, p. 87.

²⁰ *Ibid.*, p. 87.

²¹ Ibid., p. 87.

²² FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 71.

²³ DELEUZE, G. 1992, p.103.

²⁴ FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006e.

²⁵ DELEUZE, G. 1992, p. 99.

²⁶ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs I*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

²⁷ Ibid.

²⁸ DELEUZE, G.; GUATTARI, 1995.

²⁹ KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: GALLI, T.; KIRST, P. (org.) *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 54.

³⁰ Ibid., p. 55.

³¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995, p. 23.

³² DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995, p. 24.

³³ KASTRUP, V. 2003, p. 53.

³⁴ BENEVIDES, R. e PASSOS, E. Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade. In: GALLI, T.; KIRST, P. *Cartografias e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 81.

³⁵ Ibid. 2003, p. 83.

³⁶ KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*; vol:19, n. 1, p. 15-22, jan./abr. 2007.